

# **FUTEBOL, USINA E IDENTIDADE: PARAÍSO FUTEBOL CLUBE, USINA PARAÍSO E O DISTRITO DE TÓCOS**

Lucas Batista Barcelos<sup>1</sup>  
Gustavo Siqueira da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** Cunhado como clube mais antigo dentre os formados no seio das usinas de açúcar de Campos dos Goytacazes, o Paraíso Futebol Clube de Tócos representa a sua localidade no que tange a memória do futebol campista. Dessa forma, esse trabalho analisa as relações de identidade local presentes no distrito de Tócos em consonância entre os moradores do distrito, o Paraíso Futebol Clube e a Usina Paraíso. Para tanto, o presente artigo objetiva discutir o apoteótico período das usinas sucroalcooleiras de Campos dos Goytacazes, além de abordar o histórico da Usina Paraíso e do Paraíso Futebol Clube. Por fim, a pesquisa procura alcançar a existente associação simbólica e identitária entre a tríade posta em cheque no trabalho.

**Palavras-chave:** Futebol; Usina; Identidade

## **Football, plant and identity: Paraíso Futebol Clube, Usina Paraíso and the Tócos District**

**Abstract:** Coined as the oldest club among the graduates of the Campos dos Goytacazes sugar mills, Paraíso Futebol Clube de Tócos represents its location in terms of the soccer camper's memory. Thus, this work analyzes the local identity relations present in the district of Tócos in consonance between the residents of the district, Paraíso Futebol Clube and Usina Paraíso. To this end, this article aims to discuss the apothotic period of the Campos dos Goytacazes sugar and alcohol plants, besides addressing the history of the Paraíso Plant and Paraíso Futebol Clube. Finally, the research seeks to reach the existing symbolic and identity association between the triad put in check at work.

**Keywords:** Soccer; Power plant; Identity

## **Fútbol, planta e identidad: Paraíso Futebol Clube, Usina Paraíso y el Distrito de Tócos**

**Resumen:** Acuñado como el club más antiguo entre los graduados de las plantas azucareras Campos dos Goytacazes, Paraíso Futebol Clube de Tócos representa su ubicación en términos de la memoria del campista de fútbol. Así, este trabajo analiza las relaciones de identidad local presentes en el distrito de Tócos en consonancia entre los residentes del distrito, Paraíso Futebol Clube y Usina Paraíso. Con este fin, este artículo tiene como objetivo discutir el período apoteótico de las plantas de azúcar y alcohol Campos dos Goytacazes, además de abordar la historia de la Planta Paraíso y el Paraíso Futebol Clube. Finalmente, la investigación busca alcanzar la asociación simbólica y de identidad existente entre la tríada puesta en jaque en el trabajo.

**Palabras llave:** Fútbol; Planta de energía; Identidad

---

<sup>1</sup> Especialista em Relações Internacionais pela Faculdade Internacional Signorelli (FISIG), licenciado em Geografia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF) e professor na Secretaria Municipal de Educação de Rio das Ostras (SEMED-RO). Email: [lucas\\_barcellos@hotmail.com](mailto:lucas_barcellos@hotmail.com). Campos dos Goytacazes. Brasil

<sup>2</sup> Graduado em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Mestre pela mesma instituição e professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF). Email: [gutmicisa@yahoo.com.br](mailto:gutmicisa@yahoo.com.br). Campos dos Goytacazes. Brasil

## Introdução

Quem vê os três clubes (ativos) de Campos dos Goytacazes - Goytacaz, Americano e Campos Atlético - disputando certames estaduais e nacionais talvez não imagina que o município foi celeiro de equipes operárias num passado não tão distante, e, conseqüentemente, de um campeonato citadino bastante movimentado em molde profissional. Tais equipes foram oriundas de união entre trabalhadores de usinas de açúcar, as quais formaram a base econômica do município do final do século XIX até os fins do século XX, pondo Campos enquanto expoente econômico regional devido à alta produtividade no setor sucroalcooleiro.

Acompanhando o ritmo do futebol operário no Brasil e no mundo, Campos contou com seus times operários decorrentes das usinas de açúcar, tais como o Esporte Clube Cambaíba, Sport Club Aliança, Esporte Clube São José, Esporte Clube Sapucaia, Esporte Clube São João. Dentre este universo de galpões, máquinas e campos de futebol surgiu também o Paraíso Futebol Clube em 1917, formado pelos trabalhadores da Usina Paraíso de Tócos, sendo considerado o mais longevo clube de usina no município, tendo disputado o Campeonato Campista e se encontrando em situação de amadorismo desde o fim do modelo profissional do certame citadino - concomitante ao declínio da atividade sucroalcooleira em Campos e região.

Desse modo, o objetivo principal deste trabalho<sup>3</sup> se faz em analisar a existência das relações de identidade local entre moradores/indivíduos oriundos do distrito de Tócos, o Paraíso Futebol Clube e com os funcionários da Usina Paraíso enquanto laços comunitários possibilitados graças à prática do futebol.

Para tal, a fim de entendimentos prévios sobre o trabalho, inicialmente foi exercido um panorama sobre a economia sucroalcooleira em Campos dos Goytacazes, buscando especificamente o período das usinas, de seus primórdios ao declínio. A partir dessa abordagem, expõe-se a história da Usina Paraíso e do Paraíso Futebol Clube. Por fim, é explorada a relação entre as duas instituições a luz de questões identitárias acerca do lugar (o distrito

---

<sup>3</sup> O presente artigo é derivado do meu trabalho monográfico de conclusão de curso, defendido em outubro de 2019, e orientado pelo professor Me. Gustavo Siqueira da Silva.

de Tócos), por via de entrevistas elencadas com moradores, atuais e antigos funcionários da Usina Paraíso, ex-atletas e diretores do Paraíso Futebol Clube e a análise de discurso, para aglutinar as falas ao referencial teórico.

### **A Era das Usinas (início do século XX - anos 70)**

As usinas sucroalcooleiras surgiram em Campos e região de acordo com a necessidade de conter a desorganização dos custos com gastos sobre a compra de cana e alavancar a produção com o controle de todo o parque industrial, já que os antigos engenhos eram responsáveis apenas pela moagem. Desse modo, as usinas formaram a estrutura fabril preponderante no século XX. E como resquício das outras fases, a estrutura socioeconômica do tempo das usinas era desigual, “desequilibrada e perversa”, formada por uma mão-de-obra proletarizada que acarretou no “surgimento de populações periféricas” (ROSENDO; CARVALHO, 2004).

De acordo com investimentos feitos no fim do século anterior, exercidos para desenvolver a modernização das fábricas, Campos reviveu um novo período áureo e, conseqüentemente, em meio à certo aumento da produtividade. Com isso, nesse período 27 usinas se encontravam em funcionamento proporcionando uma crescente produção de açúcar para o município. Conforme Pinto (1995), em 1914 a economia açucareira local conseguiu a façanha de se integrar no mercado nacional abrangendo um percentual de 20% do que era produzido no país.

Nos primeiros anos do século XX, Campos detinha um significativo *ethos* da vida social já inicializado, no que concerne à existência de serviços jurídicos, educacionais e de imprensa, contando ainda com a infraestrutura de transportes, energia elétrica e de distribuição hídrica e rede de esgoto. Em se tratando dos hábitos e costumes, a prática do futebol dava seus primeiros passos no município (OURIVES, 1989). Em termos demográficos, a cidade abrigava, 180.000 habitantes, fazendo que ocupasse o posto de sétima maior população nacional (PINTO, 1995).

Acerca do contexto internacional, no período da Primeira Guerra Mundial, Campos dos Goytacazes se tornara o 17º município exportador de

açúcar, já que havia se firmado enquanto uma das maiores localidades açucareiras do país em meio a um momento no qual, segundo Pinto (1995, p. 152), “o mercado internacional se encontrava inflexível”.

Na década seguinte, em decorrência da Grande Depressão, a produção açucareira do Norte Fluminense foi fortemente afetada, a qual gerou queda no rendimento produtivo e desdobramentos negativos na precarização das relações trabalhistas, que se concerniu ao arrocho salarial dos trabalhadores e, até mesmo, no abandono daqueles que vendiam força de trabalho em lavouras os quais transitaram para a criação de gado.

Enquanto resposta, na década de 30 foi criado o Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA) com o objetivo de estabilizar o mercado açucareiro e fomentar a produção do álcool - por influência da Primeira Guerra Mundial, veio a ser o combustível cotado para substituir a gasolina - e servira para beneficiar os empresários do Nordeste, São Paulo e Campos. Para o município, o órgão federal obteve papel preponderante na administração do nicho sucroalcooleiro num período no qual Campos se firmava enquanto maior produtor açucareiro do Brasil (PINTO, 1995). Paralelamente à tentativa de impulsionar a produção sucroalcooleira pós-crise, no futebol local trabalhadores de usinas como, por exemplo, a do Queimado, Cambaíba, e São José formavam plantéis de equipes que disputavam o certame citadino, o que nos proporciona um antigo horizonte simbólico permeado entre cultura futebolística e atividade industrial (PARDO, 2010).

Simultaneamente, São Paulo veio a se despontar no mercado sucroalcooleiro nacional e internacional o que faz com que tal estado se garanta na posição de maior produtor nacional e, também, entre os maiores do mundo. Como influência direta, Campos sofria o baque produtivo por conta de maior influência dos outros estados, o que minou o espaço da produção local no mercado nacional interno. Podemos apontar como principais motivos dessa derrocada: a defasagem tecnológica por parte dos maquinários, gestão ineficiente das indústrias e baixa produtividade das lavouras de cana-de-açúcar.

Tal fase de declínio se acentua nos anos 50, quando a gestão dos estabelecimentos caiu nas mãos de um empresariado proveniente do

Nordeste, este que possuía um *modus operandi* um tanto distinto da aristocracia local. Ao passo que São Paulo ia tomando corpo no mercado sucroalcooleiro nacional e internacional, o que o fez enquanto maior produtor nacional (PASSOS, 2011). Para Pinto (1995, p. 228):

Ao mesmo tempo que o Estado do Rio modificava o eixo das suas atenções, as cidades vizinhas à capital de São Paulo iniciavam a arrancada para um futuro promissor. Em 1945, Campinas era bem menor que Campos. No início dos anos 50 tornava-se uma cidade que já começava a ocupar o lugar de Campos, no que se referia a progresso, iniciativas, população, geração de empregos. Eram as indústrias estrangeiras que estavam chegando para ampliar a industrialização brasileira. Enquanto isso, as indústrias existentes em Campos foram refreadas por falta de energia elétrica; a fábrica de tecidos na Lapa, começava seu périplo de decadência. A goiabada mantinha-se com nome e fama, mas não com produção. Não tinha volume. Campos começava a viver de suas saudades e dos seus “bons e velhos tempos”.

Com isso, Campos começava a decair e saindo de cena na economia nacional, por motivos de improbidade administrativa, maquinaria obsoleta, contando ainda com a preferência do IAA por São Paulo devido ao retorno mútuo em meio aos investimentos (FRANSCISCO, 2009). Interessante notar que neste momento a região Norte Fluminense começou entrar em posição periférica na economia nacional, pois os grandes investimentos estariam alocados nas grandes metrópoles.

Porém, a derrocada final da cultura sucroalcooleira de Campos dos Goytacazes se deu na década de 70, e, conforme Pinto (1995), se deu num momento no qual as usinas locais se tornaram incapacitadas de manter a produção e se viram na necessidade de gerar empréstimos os quais não foram suficientes.

Por consequência de tal bancarrota, usinas vieram a decretar encerramento das atividades, como por exemplo Novo Horizonte, Santa Maria, Queimado e Outeiro. Um outro fator que contribuiu para a crise da época foi a questão de que o álcool deixara de ser um produto exclusivo do eixo usineiro e passou a ser refinado pela Petrobrás, em consonância com a descoberta do Campo de Garoupa em 1974 (que apontava novos rumos energéticos para a região) e da primazia do consumo de carros à álcool nesta

época (GOMES FILHO, 2017). Já Azevedo (2004, p.146) pontua a má administração dos empreendimentos e valores de amplitude internacional, no que concerne à questão de disparidade cambial entre o cruzeiro e o dólar, tendo estas observações enquanto fatores determinantes para o fim do segundo ciclo econômico do Norte Fluminense.

Tendo como um dos motivos desencadeados pela derrocada da economia sucroalcooleira em Campos, o futebol campista entra em forte decadência após de sete décadas de pura movimentação. A reboque, o torneio citadino<sup>4</sup> (em categoria profissional) possui seu fim decretado, assim como maioria esmagadora das equipes formadas no seio das usinas.

### **Usina Paraíso**

Os primórdios da Usina Paraíso remontam ao tempo da reversão do modelo de engenho, quando saltara do protótipo operante precário para o engenho central, robusto e moderno àquela época. Tal mudança ocorreu por via de ação governamental no final do século XIX. Segundo Carvalho (2009):

Antes de ser propriamente uma usina, a Usina Paraíso foi um engenho movido à rodas d'água. Desde 1848 o Sr. José Ignácio da Silva Pinto, o 2º Barão de São José, figurava nas páginas do Almanack Laemmert, entre os produtores de açúcar da Freguesia de São Gonçalo de Campos, atual distrito de Tocos. [...] D. Pedro II em 1875, criou a política de engenhos centrais que visava montar fábricas com maquinário importado, moderno para a época, concedendo para isso empréstimos aos interessados e proibindo o uso de mão-de-obra escrava no processo de fabricação do açúcar. Essa era uma medida que tinha por objetivo introduzir aos poucos o trabalho livre no Brasil.

De acordo com o Pedido de Recuperação Judicial (2014), a atividade usineira em Tócos, baseada na produção sucroalcooleira, se iniciou em 1905 nas mãos de empreendedores franceses os quais também detinham outros estabelecimentos. Os mesmos resolveram se desvencilhar da gestão das usinas na década de 60, período próximo à derrocada da cultura açucareira

---

<sup>4</sup> O extinto Campeonato Campista de Futebol contou com a participação de vinte e cinco clubes. Dentro deste contingente, seis equipes eram de usinas, o que representava mais de um quinto dos times.

na região, passando o controle à Geraldo Silveira Coutinho, um pernambucano que veio na esteira dos usineiros nordestinos que aqui fincaram seus negócios o qual administrou a Usina Paraíso por mais 40 anos em conjunto com a sua família. Em 2003, a usina alcançou a produção de 1.000.000 de sacas de açúcar, a maior marca de todo tempo de funcionamento.

No final do mês de Maio de 2019, o Grupo MPE (Montagens Projetos Especiais) em conjunto com a COAGRO (Cooperativa Agroindustrial do Estado do Rio de Janeiro) alcançou o arrendamento da Usina Paraíso, tomando assim o controle da empresa. Tal medida gerou algumas expectativas por parte dos funcionários, receosos com a perda de seus empregos no atual cenário, o qual faz do Brasil um país que perpassa à margem dos 14% de desempregados.

Com base nas entrevistas realizadas, foi constatado através de maioria dos entrevistados que, apesar dos dilemas enfrentados atualmente, a Usina Paraíso provoca uma determinada dependência no distrito de Tócos em se tratando de seu funcionamento no distrito de Tócos em se tratando de seu funcionamento, além de exercer historicamente um papel central na localidade. Em termos produtivos (sua principal razão), o empreendimento tem como função a geração de emprego e renda para seus moradores tendo a movimentação do comércio local enquanto desdobramento.

A simbiose existente entre a usina e tal distrito por via da moagem se justifica nas palavras do entrevistado 1, quando este diz que o empreendimento *“Representa muita coisa, né. Ela parada o lugar acaba. [...] Não circula dinheiro, rapaz. O lugar, o movimento ficam fraco. Não circula”*. Acerca da Usina Paraíso enquanto o cerne do lugar supracitado, foi importante o discurso do entrevistado 3 e, conforme disse este, tal empreendimento *“é o coração. O coração de Tócos é ela. Sem ela quebra 70%”*.

Seguindo esta linha de respostas, para o entrevistado 6, a Usina Paraíso é *“o termômetro de Tócos”*, enquanto o entrevistado 10, que atua no cargo de serviços gerais da empresa, afirmou que ela *“ela é o pé da raiz de Tócos”*.

Essas falas nos conduzem a compreensão de que a Usina Paraíso possui, historicamente, uma centralidade no Distrito de Tócos, não apenas no aspecto material e visível dentre o espaço geográfico, mas também no que

diz respeito a vida social da população local e de vínculos diretos/indiretos.

Desta forma, é imprescindível apontar uma das razões funcionais da usina, no que tange a geração de renda e emprego da população local e, assim, desencadeando no funcionamento do comércio local.

De acordo com o entrevistado 4, a Usina Paraíso representa a identidade do lugar e cumpre certa relevância, apesar de certa interdependência entre a usina e o distrito:

Rapaz, acho que identidade. Tócos surge por conta da usina, do engenho, a localidade. As primeiras ruas e casas foram construídas pela usina. Toda localidade, o porquê de existir a localidade é por conta da usina. Orbita a usina. E hoje é questão de identidade mesmo. Hoje a localidade é independente, já foi muito dependente da atividade econômica da usina, há umas décadas atrás. Todo mundo aqui praticamente dependia economicamente da usina. Hoje não mais, mas ainda ajuda muitas pessoas principalmente as que não tem muita especialidade profissional. E ainda tem um papel, né. Ainda tem um papel.

Seguindo por essa via a qual perpassa a questão da relevância na empregabilidade e na geração de renda local ressaltando a importância do empreendimento, o entrevistado 8 ressalta:

ela faz render. Se ela estiver funcionando, vai ter o pessoal trabalhando, carteira assinada, vai render. Aí ela gera emprego, do emprego gera o salário, do salário o pessoal já tem um dinheiro no bolso pra gastar nos comércios, então o dinheiro vai circular. Então, ela funcionando pra mim e acredito que pra todos seja melhor. Funcionar! Parar nunca! [...] Porque o pão de cada dia sai daqui. É uma indústria. Isso aí é uma indústria. Se ela estiver parada, o dinheiro não gira. Então se ela funciona, dinheiro automaticamente vai girar. Então, ela interfere em tudo quando ela tá parada. [...] Representa o giro do dinheiro, né. O dinheiro, ele tem que girar. A indústria funcionando, se aqui tá funcionando, o comércio, a padaria vende. O bar vai vender, o lanche, a mercearia, o açougue. Tudo vai girar. Sem ela a gente vive, mas com ela a gente tem uma melhora a mais na nossa vida.

Interessante notar também o descontentamento de alguns entrevistados com a atual situação da usina, que implica atrasos nos pagamentos dos trabalhadores até prejuízos no comércio local. Segundo o entrevistado 9, a usina cumpre o papel de gerar postos de trabalho para os



moradores próximos ao passo que não honra os salários de seus funcionários:

É um... modo de emprego pra todos que moram aqui na região. Seria uma boa que ela funcionasse e que, principalmente, pagasse em dia, né. Porque pagamento nosso não tá sendo em dia não. Somente o meu que eu sou, no caso, efetivo desde 2005 até hoje, eu sou efetivo, né. E o que atrapalha mais a usina em termo de emprego e pra poder dar continuidade a vida do pessoal aqui, né, é o pagamento que não tá em dia.

Na posição de comerciante próximo e dependente do movimento local, o entrevistado 7 demonstra seu ceticismo e descontentamento com a usina em sua fala, porém retificando a relevância desta para o comércio local e para o distrito em si:

Vendi mercadoria como minha loja, vendi pra lá e não recebi. [...] Rapaz, sem a usina isso aqui não é nada. Acabou. Eu tenho comércio, vivo daqui. [...] Ah, representa tudo, né. Tudo aqui vem dela. Não tem nada, não tem ela fica tudo parado.

### **Paraíso Futebol Clube**

O Paraíso Futebol Clube surgiu em 17 de julho de 1917, no Distrito de Tócos, considerando-o, assim, o clube de usina mais antigo do município. Sua fundação ocorreu graças ao engajamento de funcionários da Usina Paraíso, instalada na localidade (PARDO, 2010).

Enquanto praça esportiva, o clube possui o Estádio Benedito Silveira Coutinho, antes denominado Roberto Codray, erguido em propriedades pertencentes à Usina Paraíso. Tal razão se dá pelo homenageado ter sido uma figurava proativa para a existência do clube. Segundo Ourives (1989, p. 95):

Os mais antigos contam que, uma vez fundado o clube de Tócos, seus dirigentes procuraram a direção da usina para dar ciência da fundação do Paraíso e pedir ajuda, o que conseguiram com a doação de grande área, em cujo local foi construído o primeiro campo, mais tarde ocupado pelo Grupo Escolar Almirante Barroso. Anos depois, ainda em terrenos da usina, o Paraíso ganhou nova área, onde se encontra, no prolongamento da Avenida Guilherme Morisson, e em cuja praça de esportes, além do gramado de tamanho oficial e balizas em ferro redondo, existem o aramado e, em volta, para

fazer sombra, enormes pés de eucaliptos. Do seu campo constam, ainda, vestiários azulejados para os dois times e para os juizes, bem como três túneis que ligam os mesmos vestiários ao gramado. As suas sociais agasalham também o dormitório para os jogadores, cabines para rádios e uma pequena tribuna, onde, em dias de grandes jogos e em cadeiras de palhinha, a cúpula da usina se senta para festejar as vitórias do time local. Esse estádio já se chamou Roberto Codray e mais tarde passou a ser o Estádio Benedito Silveira Coutinho.

No âmbito das competições, o Paraíso sempre participou do Campeonato Campista, do período amador ao profissional, pelo qual foram vice-campeão duas vezes (1958 e 1976). Como único título, sagrou-se vencedor do Torneio Otávio Pinto Guimarães, em 1975, após derrotar Goytacaz por 2 a 1, no extinto Estádio Godofredo Cruz. Com essa vitória, o Paraíso Futebol Clube virou notícia no Jornal dos Sports.

Cabe ressaltar que, em parte de sua existência, o Paraíso deteve, em seu plantel, atletas paralelos à Usina Paraíso, os quais se dividiam entre a prática do futebol e determinadas funções exercidas na fábrica. De acordo com entrevistas, um fator condicionante entre o corporativismo e o esporte em si era a oferta de emprego. Ou seja, aqueles que atuassem na equipe recebiam algum tipo de cargo trabalhista na usina. Tais informações permitem que o clube de Tócos seja alçado à categoria de clube operário, inserindo-o no mesmo panteão de clubes como o Bangu, Juventus da Mooca, Peñarol e Rosário Central. Para além destes dois traços, interessante notar a afetividade acerca do distrito presente na formação da equipe: ao mesmo tempo que os jogadores atuavam no time e vendiam sua força de trabalho para a usina, estes residiam no distrito de Tócos, conforme relatado em entrevista com um antigo funcionário.

Atualmente, existe enquanto clube amador (traço este que carrega desde o fim do Campeonato Campista) e seu estádio se situa em meios às terras da Usina Paraíso. Encontra-se em hiato devido às mudanças de gestão da usina homônima. Ao contrário da ligação com o local ocorrente durante os tempos áureos, os últimos planteis do Paraíso foram sortidos em questão de seus jogadores, ou seja: há atletas de várias localidades.

Para reforçar as informações, foi necessário o exercício das entrevistas

com moradores de Tócos, funcionários da Usina Paraíso e pessoas que atuaram no Paraíso Futebol Clube. Após o ato do diálogo com estes, compreendeu-se o desejo do retorno das atividades da equipe como forma de promoção da cidadania em prol dos mais novos, a importância histórica e tradicional que a equipe possui além da admissão de seu hiato, dado como um ponto final na história da instituição segundo a palavra de uma minoria.

Conforme o entrevistado 1, morador de Tócos há quinze anos, o Paraíso Futebol Clube deveria apostar na futura geração local:

é um clube “bão”, grande. Só falta ter gente pra poder incentivar. [...] Representa muita coisa, porque se tivesse time botava muita criança pra jogar, ir aprendendo.

Tal explanação remete ao potencial socioeducativo e de formação humana que o futebol possui, com potencial de ser posto em prática por aqueles que trabalham com o tal esporte, pondo, assim, o Paraíso com este potencial. Seguindo este raciocínio, o entrevistado 10 também nos respondeu, o qual atua na Usina Paraíso no ramo dos serviços gerais:

É aquilo que eu te digo, né... Eu... o problema é que eu gostaria até que voltasse, pra aproveitar a juventude que tá aí, pra tirar da rua, entendeu? Nós “precisemos” de uma pessoa que tomasse a frente, que fizesse pelas nossas criança que “tão” aí.

Além desse atributo de prestação de serviços em prol da comunidade local, um outro fator importantíssimo que pode ser extraído das entrevista é a tradição do Paraíso Futebol Clube, onde o entrevistado 2, o qual é filho, neto e sobrinho de pessoas que atuaram na equipe, afirmou que “*É a tradição daqui, né?*”. No mesmo sentido, o entrevistado 3, o qual atua como comerciante, nascido em Tócos e residente até os dias atuais, afirmou que o clube “*é uma grande coisa [...], é uma força que tem aqui*”.

Assim, o entrevistado 4, de 27 anos, também residente no distrito desde o nascimento até o presente momento, nos contou:

Eu considero um clube tradicional. Acho importante, pelo menos, preservar a memória. Na medida do possível manter o clube ativo porque é centenário, tem muita história. É um clube típico das usinas do interior do Rio de Janeiro, que tinha a cultura de toda usina tinha um time de futebol. Acho bacana preservar isso daí. Acho interessante.

Em meio a saudosismos, existem aqueles que reconhecem a importância histórica do Paraíso Futebol Clube para o futebol campista e enquanto símbolo da localidade. O entrevistado 5, o qual atuou no setor financeiro da Usina Paraíso e é nascido e criado no distrito de Tócos, enfatizou a relevância histórica do clube em relação aos seus contemporâneos, o que não ocorre com as novas gerações:

Olha, eu acho que... segundo o que ouço falar, já teve uns tempos áureos que eles alcançaram quase algum campeonato. Faz parte da história do distrito e todo esse pessoal que tem aqui, principalmente da minha faixa etária pra cima, tem orgulho da história. A garotada mais nova precisa ser mais trabalhado isso, porque eles conhecem muito pouco.

Já o entrevistado 6 (75 anos), ex-funcionário da usina, jogador do Paraíso Futebol Clube nos anos 50 e residente do distrito desde o nascimento, possui laços sólidos com a instituição esportiva toquense. *“Todos os meus parentes que jogaram futebol jogaram lá.”*, afirmou este. Além disso, complementou:

O meu tio já foi presidente do Paraíso. José Pessanha. [...] Na época, dos times do interior, era um dos grandes. Mas existiam os maiores que eram da cidade. Faziam parte do mesmo campeonato. Na minha época, era a alegria do povo. Eu fico até emocionado em falar! Mas agora não.

Segundo o entrevistado 9, segurança da Usina Paraíso, para além da representação histórica, existe uma certa necessidade de aplicar manutenção na estrutura do estádio e aproveitar o “pé-de-obra” da localidade:

O clube tá precisando de uma reforma, né. Tá dando de se ver que lá precisa de uma reforma boa, principalmente nos muros ali, na parte de vestiário... estrutura em si, em volta do campo, fazer uma estrutura de “lambrado”, a grama tem que manter, entendeu? Então tem que fazer ali um trabalho de estrutura, principalmente em obras, né. E sobre jogadores, por aqui tem muita coisa. Muitos jogadores bons. [...] Esse clube tem história. O Paraíso não nasceu de hoje, isso aí já vem de tempo já. Já ganhou vários títulos aí. [...] Mas o Paraíso tem história!

Ainda em meio ao orgulho do passado e do significado do clube para o

lugar, existe o discurso insatisfeito com a situação na qual se encontra o clube. Isso se legitima nas palavras do entrevistado 8, que se apresentou enquanto comerciante e ex-funcionário da Usina Paraíso:

Hoje infelizmente não tem mais time. Então não posso falar. Não era pra ter acabado, mas infelizmente acabou hoje. [...] Então, o clube já representou muita coisa aqui pra Tócos. Tinha torcida, a gente ia torcer. Tinha tudo. Hoje em dia não tem mais nada. Então... [...] Voltou, mas aconteceu umas coisas aí inesperadas, aí parou de novo.

### **Usina, *cancha*, distrito e identidade socioespacial**

Para traçar a relação da identidade socioespacial da Usina Paraíso, Paraíso Futebol Clube e Distrito de Tócos é necessário, antes de tudo, compreender a combinação entre economia e cultura, uma vez que o foco do trabalho transita entre o processo de mecanização do território e as relações identitárias no espaço geográfico.

Trotsky (2007, p. 33) diz que “a cultura alimenta-se na seiva da economia. É preciso, porém, mais que o estritamente necessário à vida para que a cultura se desenvolva e aprimore”, exercendo a interdependência dialética entre as questões materiais e simbólicas.

Seguindo a mesma tendência, Lukács (1920) enfatiza que “[...]se nós compreendemos corretamente a cultura de uma época, compreendemos em suas raízes o desenvolvimento do conjunto dessa época, como se tivéssemos partido da análise de suas relações econômicas”. Tal passagem nos conduz a compreensão da existência da cultura do futebol operário em Campos em meio ao cenário da economia sucroalcooleira na região, no início do século XX.

De acordo com as visitas realizadas no Distrito de Tócos, mais precisamente para o conhecimento da Usina Paraíso, do clube homônimo - ida ao estádio num terreno pertencente ao estabelecimento -, em diálogo com moradores da localidade, funcionários da usina, ex-trabalhadores, ex-jogadores, um ex-diretor e com o atual, foi possível perceber que em há certa comunhão, em boa parte da história local, entre a tríade trabalhadores-usina-clube de futebol somada ao pertencimento com a localidade, apesar

da negação de alguns entrevistados que usaram o argumento da inatividade e da decadência do clube enquanto outros atrelaram essa ligação ao passado.

Entrevistado K (56 anos), jogador do Paraíso durante três décadas e diretor entre 2000 e 2017 relatou que:

sempre o time foi apoiado e foi tocado pela usina e sempre com apoio da população. (a população) ajudava com presença. Sempre os jogos estavam cheios. A gente tinha esse projeto que a população participava de tudo. EM 2000/2002, a usina fez uma ação social junto com... aquele hospital escola que tem aqui em Campos... o Álvaro Alvim, exército. Todo meado do ano, sei que era esse mês julho, agosto, a gente fazia uma ação social lá, atendia negócio de 800 a 1000 pessoas. Como? Com médico, dentista. Essa parte social todinha. Você ia lá, se consultava. Na mesma hora, o médico, dependendo, te dava a receita. Se precisasse de exame, você já saía com o exame marcado. Sempre teve essa ligação: a usina - de frente -, Paraíso e a população. Fiz várias missas campal dentro do campo do Paraíso [...] na base de 2004, 2005, por aí. Acho que fizemos umas 6 missas lá no campo do Paraíso, porque o pessoal da usina era muito religioso também.

Isto porque boa parte dos indivíduos da instituição supracitada, os quais foram entrevistados, são moradores de Tócos por longa data - exceto um deles o qual reside há menos de dez anos no município de Campos dos Goytacazes, apesar de nascido e criado na localidade pertencente a Baixada Campista - atuaram no clube local e, ao mesmo tempo, obtêm/obtiveram vínculo empregatício com a usina. Nesse sentido:

A identidade e a cidadania se configuram, então, numa relação com vários aportes culturais. Desse modo, as identidades nacionais e locais podem persistir, desde que seja considerada e re-situada em uma comunidade multicontextual. Assim, a identidade dinamizada por esse processo será uma narração ritualizada, um relato construído e reconstruído, incessantemente, junto com os outros. Por isso, pode-se afirmar que a identidade é, também, uma co-produção. Essa co-produção se realiza em condições desiguais, entre os variados atores e poderes que nela intervêm; se recompõe nos desiguais circuitos de produção, comunicação e apropriação da cultura. Esses modos diversos de co-produção devem ser considerados ao se relacionar identidade e cidadania (LEITE, 2012, p.41).

Por esta via, é compreensível o que foi abordado no início do subcapítulo, acerca das sociabilidades e convivência entre os atores em

relação à fábrica e ao time, o que forma uma certa congruência entre estes e o distrito. Conforme o Entrevistado X (42 anos), vigia da Usina Paraíso e atual diretor da equipe:

os moradores ajudam... o time é uma tradição do local! O time deu uma parada, mas a turma pergunta quando vai voltar. Deu uma parada também por causa dos custos. Se a usina não ajudar, não tem como segurar. Gasta muito! Aí com negócio de moagem e arrendamento, estamos mexendo pra ver pra em 2020 voltar. Mas voltar amador. (Disputar) Taça Cidade de Campos, esses campeonatos amadores. Para não parar porque é tradição. Todo domingo a turma gosta de ver um jogo. [...] a usina ajuda, a localidade também ajuda.

Ainda assim, é possível se escorar nas falas dos entrevistados e ressaltar a vivência com o clube e da usina, em referência à comunidade. A partir deste pressuposto, é possível abrir o leque do que é denominado como identidade, no âmbito das Ciências Humanas, com o objetivo de entrelaçar a tríade a tal conceito.

Para isso, é pertinente recorrer ao que Hall (2015, p. 11) denomina enquanto “sujeito sociológico” sobre a inserção do indivíduo de acordo a sua participação em determinado meio social, relatando que:

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” - entre o mundo público. O fato de que estamos projetando a “nós mesmos” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura [...] o sujeito à estrutura.

Dessa forma, o discurso dos entrevistados se faz alinhado ao conceito do sociólogo jamaicano no momento em que um deles relatou que a maioria da mão-de-obra da usina “sempre foi local” e, ainda assim, existia a prática de jogar no Paraíso e receber um emprego como gratificação/incentivo, o que denota ainda mais a organicidade inerente em tal tríade supracitada de acordo com a questão local.

Segundo o Entrevistado Y, vigia da Usina Paraíso há 32 anos, ex-jogador do clube homônimo durante o período amador e morador da localidade de Tócos:

A maioria era daqui. Funcionários. Tudo empregado da Usina. Quem jogava no Paraíso, a usina arrumava serviço pra eles... Fiscal de lavoura, tratorista, várias funções em prol da Usina. O time era em prol da Usina. Eu mesmo fui um deles (risos). Eu jogava lá e trabalhava cá. Agora, já não é em prol da Usina. Pega um daqui... de vários lugares. Isso começou na época de Robenilton.

Conforme Tuan (1980, p. 114) “a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar”. E em se tratando da espacialidade referente à identidade de tais atores descrita no parágrafo anterior, é pertinente atrelar os relatos dos indivíduos à narrativa remetente ao passado, formado pela movimentação que a equipe atribuía ao lugar nos dias de jogos e em relação às oscilações produtivas da usina, num tom de memória afetiva. Nessa perspectiva, é interessante avaliar o discurso do entrevistado 5, o qual nos relatou:

Hoje é muito menos, mas outrora era muito. Quem financiava todo o clube era a usina, os subsídios todos para o clube era a usina, e, conseqüentemente, para toda a localidade. Era uma coisa só! A usina, o clube que era a diversão e o serviço, mas hoje o clube ficou mais como uma diversão esporádica.

Além deste, tal discurso dotado de “consciência do passado” também foi apresentado pelo Entrevistado Z (68 anos), morador de Tócos e antigo prestador de serviços na Usina Paraíso:

Porque todas as usinas tinham seu time próprio. Existia o Campeonato do Interior, que era super respeitado. Mas era só praticamente usina, então os caras às vezes deixavam de jogar num time profissional pra jogar num time de usina, a troco do emprego. Naquela época o emprego de usina era excelente, nos anos 60, anos 70... [...] Jogava com Goytacaz, Americano. Paraíso tinha uma torcida grande, o time daqui era bom pra caramba. E a maioria do pessoal era funcionário da usina. A usina dava o emprego para eles jogarem futebol. Tanto aqui quanto nas outras aí também. Baixa Grande, Cambaíba tinha time bom. Era muito bom. Tinha Martins Lage, mas era só álcool. Um domingo à tarde de futebol aí era festa. Campo enchia. Mulherada! Torcida! Era lotado... Era festa. Qualquer lugar quando cruzava um Paraíso e Cambaíba, um Paraíso e Baixa Grande, Mineiros, Queimado, Poço Gordo... Só tinha time excelente. Só tinha jogador de bola bom. Só craque!

Por esse caminho, é visível a relação simbólica a qual reforça elos entre os antigos funcionários da usina, o clube e moradores do - também nascidos



no - Distrito de Tócos, a qual é reforçada no decorrer do trabalho.

Acerca da manifestação das identidades no espaço geográfico, Haesbaert (1999, p.178) utiliza o artifício territorial quando diz que:

Trata-se de uma identidade em que um dos aspectos fundamentais para sua estruturação está na alusão ou referência a um território, tanto no sentido simbólico quanto concreto. Assim, a identidade social é também uma identidade territorial quando o referente simbólico central para a construção desta identidade parte do ou transpassa o território. Território que pode ser percebido em suas múltiplas perspectivas, desde aquela paisagem como espaço cotidiano, “vivido”, que simboliza” uma comunidade, até um recorte geográfico mais amplo e em tese mais abstrato, como o do Estado-nação.

Através desse raciocínio, é interessante frisar o que o entrevistado 4 nos expôs no que concerne à identidade socioespacial da Usina Paraíso, Paraíso Futebol Clube e Distrito de Tócos, o qual afirma a integração pertinente aos três casos:

Tem muita ligação, né. Ligação assim, mais marcada, é primeiro você tem a Usina Paraíso, tem várias coisas aqui que ganham o nome por conta da usina. O bairro ali onde eu moro é Jardim Paraíso, que foi um loteamento mais novo, mais recente, da década de 80 aí eles deram o nome de Jardim Paraíso. Tinha o Cineclube Paraíso, que era ligado a usina aqui também, centenário, mas hoje já acabou. [...] É uma identidade muito marcada. Acho que o clube tem muito a ver com a usina e com a localidade.

Dessa forma, Castells (1999, p. 84) afirma que “[...] *as comunidades locais, construídas por meio da ação coletiva e preservadas pela memória coletiva, constituem fontes específicas de identidades*”. Tal passagem ilustra de maneira sucinta a razão do trabalho, calcada no contorno existente entre o Distrito de Tócos, a Usina Paraíso e o Paraíso Futebol Clube.

## **Conclusão**

O presente estudo revelou a possibilidade de descrever o futebol não apenas enquanto um esporte, mas também na condição de manifestação sociocultural que se torna presente no espaço geográfico, no que diz respeito às questões da identidade e dos simbolismos espaciais.

Ainda assim, é possível analisar tal desporto em consonância com diversos âmbitos das relações sociais, como nos ambientes fabris, e no que diz respeito ao espírito comunitário em determinados bairros, conforme foi relatado durante trabalho a respeito do próprio tema do estudo em si. Desta forma, percebe-se que o futebol se apresenta enquanto um riquíssimo objeto de estudo para se fazer ciência de uma maneira bastante ampla sobre o esporte bretão nas Ciências Humanas de um modo geral.

Desta maneira, em termos específicos e particulares ao tema principal, o trabalho expõe a existência de uma interligação simbólica entre a Usina Paraíso, o clube de futebol homônimo, o distrito de Tócos e seus antigos moradores, a qual proporciona marcas de um passado recente no que tange a identidade local manifestada e ao sentimento de memória afetiva das práticas e das sociabilidades ocorrentes no lugar (a existência do cineclube, jogos com apelo do público local, etc), apesar do estado de decadência do empreendimento e da inatividade da equipe estudada.

## Referências

AZEVEDO, Hamilton Jorge de. Uma análise da cadeia produtiva da cana-de-açúcar na Região Norte Fluminense. In: PESSANHA, Roberto Moraes; SILVA NETO, Romeu, (orgs). *Economia e Desenvolvimento no Norte Fluminense: da cana-de-açúcar aos royalties do petróleo*, Campos dos Goytacazes: WTC Editora, 2004. p. 117-172

CARVALHO, Jéssica. *Usina Paraíso: de engenho à usina*. 2009. Disponível em: <<https://sapiencias.blogspot.com/2009/05/usina-paraiso-de-engenho-usina.html>>. Acesso em: 26 mai. 2019.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade. A era da Informação: economia sociedade e cultura*. v. 2. São Paulo: Paz e Terra, 1999

FRANCISCO, Quésia de Souza. *A agroindústria canavieira de Campos-RJ e os royalties do petróleo a partir da percepção dos atores*. 2009. 126 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) -- Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes.

GOMES FILHO, Hélio. *Divisão internacional do trabalho e direito à cidade (de porte médio) no Norte Fluminense: legado e maldição de Prometeu*. 2017. 349f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana) -- Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

HAESBAERT, R. Identidades Territoriais. In: Corrêa, Roberto Lobato; Rosendhal, Zeny. (Org.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. 1ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 169-190.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015

LEITE, Cristina Maria Costa. *O Lugar e a Construção da Identidade: os significados construídos por professores de Geografia do Ensino Fundamental*. 2012. 222f. Tese (Doutorado em Educação) -- Universidade de Brasília, Brasília.

LUKÁCS, György. *Velha e Nova Cultura*. 1920. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/lukacs/1920/misc/velhaenovacultura.htm>. Acesso em: 31 ago. 2019.

OURIVES, Paulo. *História do futebol campista*. Campos dos Goytacazes: Cátedra/FERJ, 1989

PARDO, Aristides Leo. *No País do Futebol, Cidade sem Memória: A História Futebolística de Campos dos Goytacazes*. São Paulo: Agbook, 2010

PASSOS, William Souza. *Cana-de-açúcar, petróleo e as grandes intervenções regionais recentes: projetos setoriais em disputa no campo dos discursos regionalistas de desenvolvimento de Campos dos Goytacazes*. 2011. 111 p. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) -- Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes.

PINTO, Jorge Renato Pereira. *O Ciclo do Açúcar em Campos*. Campos dos Goytacazes: edição do autor, 1995

ROSENDO, R.C.; CARVALHO, A.M. Formação econômica da Região Norte Fluminense. In: PESSANHA, Roberto Moraes; SILVA NETO, Romeu, (orgs). *Economia e Desenvolvimento no Norte Fluminense: da cana-de-açúcar aos royalties do petróleo*, Campos dos Goytacazes: WTC Editora, 2004. p. 27-75.

TROTSKY, Leon. *Literatura e Revolução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980